



Agenda
Porto

Nº 02
Fev 2024

Oihar

Reportagem →

Jovens cineastas do Porto
A vontade de contar

Entrevista →

**No Porto de abrigo de Virgílio
Ferreira mora um laboratório
de criatividade e criação**

agenda-porto.pt

Porto.

Das “city breaks” ao turismo de longa duração, dos residentes aos nómadas digitais, das viagens de negócio ao lazer, o Porto é uma cidade para todos, para sempre.

Uma cidade para viver, visitar, investir, estudar.

A Câmara Municipal do Porto está a liderar uma nova estratégia para o futuro sustentável da cidade, enquanto destino turístico:

Autenticamente Qualificado, Autenticamente Diverso, Autenticamente Sustentável.

Um mapa de visão criado a pensar no amanhã.

***Yours Truly,
Porto.***



Porto.

Mapa de Visão para o futuro sustentável do destino
WWW.YOURSTRULY.PORTO.PT

Um relâmpago na escuridão

Para um amante de fotografia como eu, o olhar é muito mais do que empregar o sentido da visão. É demorar os olhos em qualquer coisa, contemplando nela tudo aquilo que nos atrai e fascina. É perceber, através do poder da observação, todo o sortilégio de uma imagem. É descobrir os pequenos segredos, os ínfimos detalhes, a subtil filigrana daquilo que temos à frente dos olhos.

“Se puderes olhar, vê. Se puderes ver, repara”, escreveu José Saramago no livro “Ensaio sobre a Cegueira”. Com este aforismo, o escritor quis, talvez, dizer-nos que devemos sempre ver com os olhos bem abertos, para que nada nos escape e muito nos seja revelado sobre os outros e sobre nós mesmos. Neste sentido, o olhar humaniza-nos e torna-nos mais sabedores e apaixonados pelo mundo.

O olhar é, por isso, uma das principais ferramentas do artista. Seja qual for o suporte utilizado – pintura, escultura, desenho, instalação, vídeo ou cinema –, o processo de criação depende do olhar do artista. É a partir de uma particular

visão sobre a realidade que o artista cria a sua obra e a sua singularidade artística decorre, justamente, dessa mundividência. De resto, muitas vezes percebemos o mundo pelo olhar do artista – o que está velado torna-se evidente, o que é vulgar torna-se extraordinário, o que parece enigmático torna-se óbvio. O olhar do artista é, assim, um relâmpago na escuridão. Como escreveu George Steiner, em *Depois de Babel*, “o artista é a força incontável: depois de Van Gogh, não há olhar ocidental que observe um cipreste sem ver nele o despontar de uma chama”. (tradução livre)

Não é, pois, de estranhar que o segundo número da Agenda Porto seja muito oportunamente dedicado ao olhar. Cineastas, fotógrafos e artistas plásticos que integram a comunidade artística do Porto revelam-nos, nesta edição, um pouco do olhar treinado e necessariamente obsessivo com que transformam a realidade através da sua representação.

Para ler com olhos de ver.

Rui Moreira
Presidente da Câmara Municipal do Porto

Mensagem do Presidente	03
Editorial	05
Reportagem → A vontade de contar	06
Código Postal 4000 e tal → A galeria que Campanhã adotou	14
Arte e exposições	18
→ Entrevista: No Porto de abrigo de Virgílio Ferreira mora um laboratório de criatividade e criação (pp. 21 – 30)	
Cinema	31
Conversas	34
Desporto e movimento	37
Música e clubbing	39
Palcos	44
Famílias	47
Ao Fresco	52
Conjugar o Porto → “Catrapiscar” com Marta Bateira	54
Portografia → O Porto em Aguarela	56
Ficha Técnica	58

A cidade é de quem a sabe olhar

Olhar como quem dilata o tempo. Sem artifícios. Um gesto instintivo ao serviço de um olhar que faça crescer em nós a capacidade de fascinação ou de deslumbramento. Pelos outros, pelas coisas e pela cidade que nos muda a escala do olhar.

Dedicamos a edição de fevereiro a cineastas, fotógrafos e artistas visuais que, através do seu prisma, nos contam estórias e nos mostram diversas paisagens exteriores e interiores. Fomos ao encontro de jovens cineastas do Porto, novos criadores de cinema numa cidade com novas infraestruturas dedicadas à sétima arte: João Gonzalez, João Mendes Pinto, Mariana Bártolo e Tomás Paula Marques.

Conversámos com o fotógrafo Virgílio Ferreira, fundador e diretor da Ci.CLO – Plataforma de Fotografia e diretor artístico da Bienal Fotografia do Porto; e visitámos o Espaço Mira, em Campanhã, que começou por ser uma galeria de fotografia, mas que cresceu e hoje se distribui por três espaços.

Piscando o olho ao Dia dos Namorados, *Catrapiscámos no Porto* com Marta Bateira (Beatriz Gosta); na rubrica *Portografia*, – e porque o *Porto é uma cidade para pintores* –, resgatámos o olhar que o aquarelista António Cruz (1907-1983) guardou sobre a cidade; e, em *Quem Conta o Porto acrescenta um Ponto* (em agenda-porto.pt), estivemos à conversa com o fotojornalista José Sérgio que, durante quatro anos, fez o retrato das comunidades africana e afrodescendente desta cidade, um trabalho que resultou no livro *Presentes! Africanos e Afrodescendentes no Porto*. Boas razões para olhar (e guardar) este número da Agenda Porto.

A vontade de contar

Entre a necessidade de equipa especializada, os custos de rodagem e a difícil rentabilização com exibição, o cinema parece uma vocação aterradora. Contudo, há uma paixão que move quem procura trabalhar na área e que parece não se extinguir face às adversidades. Há uma massa de novos criadores em cinema numa cidade com novas infraestruturas onde ele pode ser criado, mas também vivenciado. Procuramos quatro criadores em diferentes etapas de um percurso voltado para a luz que encontramos em salas escuras.

O guião para uma carreira

Começando pelo princípio: a formação. Ao longo dos anos, o curso de Som e Imagem da Universidade Católica do Porto ganhou reputação como uma plataforma de criação de novos cineastas. Para além daqueles que seguem uma vertente de produção audiovisual ampla, o curso já formou nomes que se tornaram criadores fundamentais no cenário cinematográfico nacional: o produtor Rodrigo Areias (fundador da produtora independente Bando à Parte), os realizadores José Magro e João Niza Ribeiro (fundadores da Pântano Filmes), ou Luís Costa e André Guiomar (criadores da Cimbalino Filmes).

Foi ao detetar esta corrente de alunos com foco em cinema que a instituição criou, em 2020, a licenciatura em Cinema. É na Escola das Artes desta universidade que encontramos Pedro Alves, coordenador da licenciatura, que faz o balanço da “primeira fornada” de licenciados: contam já com dois prémios para curtas documentais nos Prémios Sophia, e uma obra de ficção premiada na secção Take One do Curtas de Vila do Conde. Pedro define a metodologia pedagógica como aprendizagem baseada em projetos, “um modelo pedagógico que não é propriamente novo, mas que em Portugal não se vê muito na área do cinema”. Assim, os alunos aprendem desde logo a integrar uma equipa que compreende produtores, guionistas, diretores de fotografia, realizadores, e editores — até porque, aponta, “muitos deles estão ainda numa lógica de descoberta da área em que se querem especializar”.

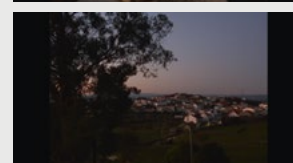
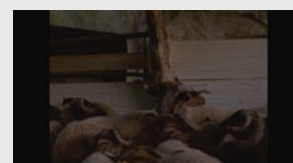
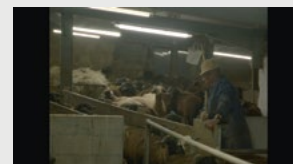
Começar sem medo

Um dos alunos que já completou esta descoberta é João Mendes Pinto que, na mais recente edição de 2023 dos Prémios Sophia, venceu o Prémio Estudante com a curta documental *Enquanto Houver Ovelhas*, que segue um casal de pastores em Seia. Contudo, confessa que o documentário não é o único formato que pretende explorar no papel que escolheu no cinema: a realização.

Recentemente licenciado em Cinema, está agora a integrar um mestrado na área e a aproveitar para alavancar a rede que existe nos trabalhos de estudante: colegas nas diferentes vertentes de produção. Sobre os planos para o futuro, cita um realizador que é sua referência, o finlandês Aki Kaurismäki: “Nunca fiz um grande filme, mas fiz vários medíocres.”

E que filmes serão esses? João não se diz (ainda?) preso a um meio ou a um género. Fala de ideias que o agarram e que o impelem para um novo projeto, mas que “ser realizador não é uma carta branca para ter crédito em tudo”. Assim, essa ideia original “é algo que é construído com a equipa. A forma como se ilumina, a interpretação do diálogo pelos atores, tudo são coisas que constroem o filme”.

João diz ter consciência da dificuldade de fazer cinema em Portugal, mas defende que isso não chegou sequer a entrar no processo de decisão. “Não tinha outra hipótese senão seguir esta paixão.” Recusa mesmo ponderar migrar para outro país onde fazer filmes possa ser mais fácil, porque, diz, “quero filmar o que eu conheço,



Enquanto Houver Ovelhas de João Mendes Pinto, © DR Portugal, doc., 2022, 20'



© Rui Meireles

e o que eu vivo quotidianamente. Se eu agora aterrasse noutra país para filmar, ia ter uma visão exotista. Como quando alguém chega aqui, filma a ponte D. Luís e acha que inventou a roda”.

Portugal/Alemanha, 2024

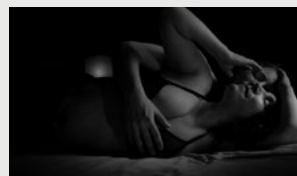
Mariana Bártolo sente esse mesmo apego às histórias que conhece, sobretudo agora com o que chama de “síndrome de emigrante”, uma vez que está a residir na Alemanha. Originalmente estudou na Escola Superior de Dança, em Lisboa, onde “já toda a gente sabia que eu andava com a câmara comigo, as pessoas habituaram-se a essa espécie de extensão de mim”. A opção pela dança perdeu força e começa a candidatar-se a cursos de cinema pela Europa. “Querida algo que fosse *media art* e não apenas estudos de cinema típicos” — e foi o que encontrou na KHM — Academy of Media Arts em Colónia, Alemanha.

Apesar de ter entrado no curso com a prática de fotografia em mente, o cinema foi ganhando lugar e agora é o seu foco principal, sendo que o início do percurso deixou as suas marcas. “A dança ainda informa o trabalho que eu faço e o trabalho que eu faço com atores. A fisicalidade, as emoções que o corpo desperta.”

Em 2023, integrou uma exibição de três curtas portuguesas na Quinzena dos Realizadores, no Festival de Cannes, com o documentário *As Gaivotas Cortam o Céu* de Mariana Bártolo e Guillermo García López, © DR Portugal, fic., 2023, 18’

Em 2023, integrou uma exibição de três curtas portuguesas na Quinzena dos Realizadores, no Festival de Cannes, com o documentário *As Gaivotas Cortam o Céu*, correalizado com García Lopez. Mas Mariana admite que é “desapegada de prémios”. “Eu sei a importância que isso tem no currículo, mas não sou uma deslumbrada com essas coisas. Muito pelo contrário, sou mais dissidente, mais *underground*”. Ainda assim, houve tempo para o essencial. “Lembro-me de um momento que foi muito importante, que foi ir ao cinema e ver o filme do Salaviza e perceber ‘ah, é para isso que eu estou aqui’. Emocionei-me bastante com o filme, e também serviu para voltar à realidade, no meio daquele ambiente de *show-off*.”

A realidade acaba por ser o objeto principal da realizadora, contando já com três curtas documentais e duas de ficção que se baseiam na sua própria memória afetiva. Esta exposição é algo incontornável para Mariana.



As Gaivotas Cortam o Céu de Mariana Bártolo e Guillermo García López, © DR Portugal, fic., 2023, 18’

“Não conseguimos fugir de nós mesmos, embora goste de, com a auto-ficção, ir um pouco para além de mim.”

“Não conseguimos fugir de nós mesmos, embora goste de, com a autoficção, ir um pouco para além de mim.”

Esse é mesmo o ponto de partida para o filme em que Mariana está agora a trabalhar. À *Mesa* é um documentário experimental que parte dos lugares fixos à mesa que cada membro de uma família tem. “É uma especulação sobre como, eventualmente, esses lugares afetam quem nós somos, e uma reflexão entre papéis de género, papéis da família.”

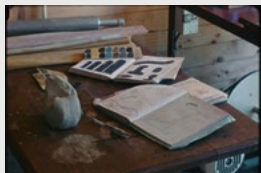
Entre a sua experiência pessoal e a de outras pessoas, este documentário experimental toma como narradores principais as filhas mais novas e a relação entre o seu lugar à mesa e um futuro lugar na sociedade.

O cinema de volta ao centro

À *Mesa*, de Mariana Bártolo, foi uma das obras escolhidas pela bolsa Pascaud, uma das duas categorias de bolsas anuais de financiamento da Filmporto. Criada pela Câmara Municipal do Porto em 2021, a Filmporto é uma *film commission* — um tipo de entidade vocacionada para promover e apoiar a produção cinematográfica em cidades ou territórios específicos. Este apoio passa pela promoção de profissionais portuenses, a assistência operacional a produções estrangeiras que se desloquem ao Porto para filmagens, e a atribuição de bolsas para produções rodadas inteiramente na cidade. Estes apoios — a Bolsa Neves e a Bolsa Pascaud (em homenagem aos pioneiros da exibição de cinema no Porto, António Neves e Édmond Pascaud) — atribuíram já 15 bolsas no valor de 20.000 euros cada.



© Rui Meireles



When We Dead Awaken de Tomás Paula Marques, © DR Portugal/Espanha, fic./exp., 2022, 10'

Embora seja um instrumento para a indústria, a Filmaporto tem um ponto de contacto com o público: desde a inauguração do Batalha Centro de Cinema, todas as últimas quintas-feiras de cada mês tem lugar a exibição das Sessões Filmaporto, onde são apresentados filmes de novos realizadores portugueses, filmados no Porto, e que não tenham ainda tido apresentação pública na cidade.

Esta vertente de dar espaço a cineastas emergentes integra a missão do Batalha Centro de Cinema, que completou em dezembro passado o primeiro ano de funcionamento no requalificado edifício emblemático. Para além de ciclos temáticos e retrospectivas que incluem novas formas de fazer cinema, há um outro programa inteiramente dedicado a novos criadores: o ciclo Luas Novas. Conforme o nome sugere, coincidindo com o dia do mês em que a lua entra na fase de Lua Nova, tem lugar uma sessão dedicada à obra de um cineasta que não tenha ainda realizado a sua segunda longa-metragem, sendo habitualmente seguidas de uma conversa entre os criadores e o público presente.

A responsabilidade do cinema

Tomás Paula Marques foi a convidada que inaugurou as Luas Novas do Batalha, em dezembro de 2022. A sessão incluiu as três primeiras curtas-metragens da realizadora e terminou com *When We Dead Awaken*, um filme-performance em projeção analógica e com a participação da colaboradora assídua João Abreu. Paula estreou recentemente a nova curta, *Dildotectónica*, e prepara já o próximo trabalho. Em conversa, admite o cinema como um chamamento tardio. Embora sempre presente, durante a adolescência “tinha interesse por literatura, pela fotografia, pelo teatro também, pela interpretação”, e o cinema acabou por ganhar supremacia como “uma intersecção entre todas as outras expressões artísticas”.

Mas não só. Viu também que o cinema “permitia um projeto de empatia e de criação de debate, através da modelação das emoções e do tempo”, que as outras artes não alavancavam da mesma forma. Esta modelação de emoções apenas é possível através de um trabalho próximo com intérpretes, uma capacidade desenvolvida desde logo na Escola Superior de Teatro e Cinema, de Lisboa. A licenciatura foi seguida de uma pós-graduação

“No fundo, eu considero também o cinema como uma possível ciência social e, nesse sentido, ir para Sociologia veio de uma escassez que senti na licenciatura em Cinema: uma negligência em relacionar a representação do outro com um quadro maior, com um contexto.”



© Andreia Merca

em Sociologia, mas Marques não reconhece aí um desvio. “No fundo, eu considero também o cinema como uma possível ciência social e, nesse sentido, ir para Sociologia veio de uma escassez que senti na licenciatura em Cinema: uma negligência em relacionar a representação do outro com um quadro maior, com um contexto”.

Esta profundidade procurada no campo da Sociologia foi seguida de uma exploração de métodos de produção diferentes num Mestrado na Escola de Cinema Elias Querejeta, no País Basco. “Eu sentia que estava a ficar infeliz no tipo de modelo de produção que fazia, pela frustração de precisar de ter uma equipa em que havia cargos muito definidos e hierárquicos — cargos que existem por alguma razão, não estou a desvalorizar isso, mas que nos limitam a uma lógica linear de olhar para as rodagens.” Na Elias Querejeta, escola focada na rotação em película e em formas mais “impulsivas” de fazer cinema, realizou *When We Dead Awaken*, uma assumida quebra com o estilo das curtas anteriores.

Embora tivesse já sido um tema aflorado em *Cabra Cega*, *When We Dead Awaken* representou também a entrada num tema que Paula Marques já investigava desde os tempos da Sociologia, o da dissidência de género e a perseguição de pessoas queer desde os tempos da Inquisição. Este é um tema, aliás, que percorre ainda o mais recente filme da realizadora, *Dildotectónica*, onde contou com a colaboração, mais uma vez, da atriz João Abreu. João estava alinhada com os temas da investigação de fundo sobre a dissidência de género. “Sentimos que pensávamos de formas semelhantes relativamente a muita coisa e eu comecei a partilhar com ela também a minha investigação e as ideias que eu comecei a ter, e sentimos uma grande afinidade — é uma colaboração a que eu dou muito valor e que é muito frutífera, também por sermos duas pessoas trans e de partilharmos muitas experiências.”

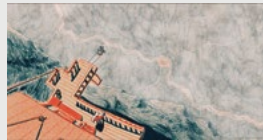
A emoção codificada

João Gonzalez também já foi convidado de uma das Luas Novas do Batalha, em 2023, numa sessão que integrou também uma performance musical interpretada pelo realizador. Essa presença da música revela um percurso que podia ter perfeitamente tomado outro rumo. Começou a aprender a tocar piano aos quatro anos. Aos 12, a pauta é interrompida por uma aposta forte em voleibol profissional, tendo mesmo chegado a jogar no Académica de São Mamede. Pelo caminho, há desenhos que são feitos, não perdendo de vista uma ideia de caminho por Arquitetura. Corta para o ensino secundário e João ingressa em Ciências, com o propósito de ingressar numa licenciatura em Engenharia Informática. Mas o exame de Matemática não corre como esperado, e é aceite na segunda opção: Multimédia, no Politécnico do Porto.

Entre tantas avenidas possíveis, poderia parecer um mero acaso ter desembocado na animação, mas, em boa verdade, a animação já esperava por João, como um velho cadeirão que já assume a forma do nosso corpo. “A animação é uma combinação natural de tudo aquilo que eu gosto de fazer, não é?” Não só a animação combinava o cinema, a música e o desenho, como acumulava uma função essencial: o controlo. Este é um aliciante que é assumido sem hesitação por João Gonzalez: “Posso controlar os sons, posso controlar os *timings* de tudo. Posso saber exatamente como é que o público vai receber e interpretar a história que estou a contar.”

Esse controlo é aumentado pela natureza solitária do trabalho em animação, algo que João valoriza: “quando estou a animar e a fazer um filme que gosto muito, eu entro num estado de transe que nem ia resultar muito bem com outras pessoas”. Assume, contudo, que há sempre uma equipa valiosa por trás, como por exemplo a equipa que ajudou no *coloring* de *Ice Merchants* (2022).

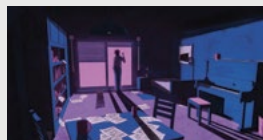
Foi, aliás, com *Ice Merchants* que João atingiu o que poderia ser encarado como um triunfo: a nomeação para os Óscares de Melhor Filme de Animação. É nesse momento que entra o vendaval mediático, onde se sucedem as entrevistas e as explicações de quem se é e do que se faz. Mas o realizador não vê de todo um



Ice Merchants de João Gonzalez, © DR Portugal/França/Reino Unido, fic./anim., 2022, 14'



Nestor de João Gonzalez, © DR Portugal/Reino Unido, fic./anim., 2019, 6'



Voyager de João Gonzalez, © DR Portugal, fic./anim., 2017, 4'

“Mas não pretendo pegar nisto como o ponto de lançamento para ir para Hollywood. Gosto da minha vida aqui no Porto, e a minha prioridade é sempre poder fazer os filmes que eu quero fazer. Mais do que fazer uma grande produção para Los Angeles.”



© Nuno Miguel Coelho

antes e um depois deste momento. “A minha vida não mudou drasticamente, até porque eu não quero que mude. Eu gosto bastante da minha vida como está.”

Confessa que esta nomeação foi algo que abriu portas na indústria e fala da surpresa de “o filme ter sido distribuído em sala de cinema durante três meses; algo inédito para uma curta-metragem e acolhida com ótimos números de afluência. Uma coisa surpreendente”. Mas não pretendo pegar nisto como o ponto de lançamento para ir para Hollywood. Gosto da minha vida aqui no Porto, e a minha prioridade é sempre poder fazer os filmes que eu quero fazer. Mais do que fazer uma grande produção para Los Angeles.”

Fazer filmes no Porto, então, implica que a cidade esteja presente de alguma forma? Segundo o realizador, será algo inconsciente porque “somos sempre influenciados pelo que nos rodeia”, mas reconhece que há uma característica portuense que impregna os seus filmes. “Tem muito que ver com a arquitetura. É uma cidade muito vertical. A casa no precipício de *Ice Merchants* é algo que tu consegues ver na Ribeira.” Esses passeios pela cidade ecoam agora em desenhos em movimento, mas também em passos dados num espaço virtual. Para cada projeto, João Gonzalez modela em 3D o cenário onde a ação decorre — permitindo-lhe entrar num espaço que será, mais tarde, comprimido pela ponta do lápis para duas dimensões. Modelos que não são usados nos filmes finais, mas que decerto serão um inusitado artefacto de *making of*.

Código Postal 4000 e tal



A galeria que Campanhã adotou

Em 2013, numa cidade em que os espaços de cultura se concentravam em alguns pontos nevrálgicos, a ideia de [Manuela Monteiro](#) e [João Lafuente](#) parecia descabida: instalar uma galeria de fotografia em Campanhã. Hoje seria apenas mais um projeto de reanimação da zona Oriental, mas na altura foram contestados: “Toda a gente dizia que éramos malucos, porque uma galeria de arte em Campanhã não tem razão de existência, não tem público”, lembra Manuela, sentada agora entre as altas paredes de granito do edifício requalificado pela arquiteta [Adriana Floret](#). Mas foi na Rua de Mirafior, a escassas centenas de metros da Estação de Campanhã, que o casal recuperou uns armazéns em ruínas, porque “não havia espaços onde os fotógrafos se encontrassem, reuníamos-nos no Café Poeta, no Carvalhido, uma vez por semana, sem ordem de trabalho, sem objetivo específico, só pelo prazer de estarmos a falar de fotografia”.

Embora o âmbito de galeria de fotografia fosse apenas encarado por Manuela e João como um ponto de partida, este foi expandido mesmo antes da inauguração, quando um evento de arquitetura pretendeu fazer uso dos armazéns em ruínas, acabados de comprar, e que viriam a ser o [Espaço Mira](#). Em simultâneo com este evento, o [Mira](#) propôs ao curador [João Maia](#) a montagem de uma exposição. Os convites dispararam, e ainda antes de haver um teto sólido sobre as galerias, estava instalada uma exposição que “contemplava escrita, vídeo, pintura, fotografia e ilustração”. A partir desse momento, a multidisciplinaridade está patente nos números acumulados ao longo de 10 anos — 228 exposições, 169 palestras, 142 performances, ou 120 lançamentos de livros — e distribuídos pelo que são agora os três espaços [Mira](#): o [Mira Fórum](#), o armazém original dedicado a exposições de fotografia; o [Espaço Mira](#), dedicado a arte contemporânea e ainda contando com a curadoria de João Maia; e o novo [Mira Artes Performativas](#), dedicado à dança contemporânea e performance.



Um espaço no lugar certo

Mas a história do Mira não se cinge, de todo, ao projeto artístico. Para além do programa, emergiu desde cedo, e com uma cumplicidade em crescimento exponencial, uma relação profunda com os moradores ao redor da Rua de Mirafior. Para Manuela, essa vontade estava lá desde o início, mas sempre com a preocupação de não se “apropriarem” dos vizinhos. O processo começou então com “conversas sobre o tempo, sobre a saúde, sobre os gatos, sobre o estacionamento indevido, sobre, sei lá, estas coisas vulgares”. E a “malha foi-se adensando”, ao ponto de hoje as galerias fazerem parte do quotidiano de quem mora ali. Os jantares com os artistas convidados costumam ser no restaurante da Dona Rosa, um pouco mais abaixo. As bebidas após uma inauguração tendem a ser na Associação Malmequeres de Noêda. O projeto mais recente envolve o abrigo do outro lado da rua, com uma horta comunitária gerida por quem frequenta as duas instituições.

Filipe Lourenço, presidente da direção dos Malmequeres de Noêda, fala sempre com um brilho nos olhos do trabalho de renovação de uma associação caída no esquecimento, mas que agora promove um grupo de dança, aulas de jiu-jitsu, e recentemente estreou uma equipa de futsal federado. Mas o orgulho com que fala de um episódio relacionado com o Mira é quase físico: endireitando a postura e enchendo o peito, fala da vez em que o Mira estreou uma peça de teatro de um artista britânico ali mesmo, no palco que ocupa a maior parte da sala de espetáculos da sede da associação. “A relação com o Mira é excelente, excelente. Não podíamos ter pedido melhor.” A mesma medida de orgulho parece encher Manuela e João quando nos mostram uma homenagem

prestada pelos moradores: por ocasião do 10.º aniversário do Mira, ofereceram-lhes uma placa dourada, gravada com palavras de apreço, dentro de uma moldura de veludo azul. Este objeto, na profusão de celebrações dos 10 anos, parece ter um lugar especial. Entre as reportagens de imprensa e os convidados institucionais, a placa dourada brilha mais um pouco: “Isto arrasou-nos. Deixou-nos quase em lágrimas.”



10 Feb — 12 Mai

Culturgest Porto

Inauguração 09 Feb

→ Edifício Caixa Geral de Depósitos, Av. dos Aliados, 104

Exposição Gratuito

Fazer #2

Fazer: uma revista de design que é uma exposição ou uma exposição sobre design que é uma revista

A quarta edição do ciclo de exposições Território é, simultaneamente, uma revista e uma exposição. Concebida e dirigida por dois críticos e curadores de design, Frederico Duarte e Vera Sacchetti, *Fazer* “procura definir os territórios do design contemporâneo pelas vozes daqueles que lhe dão forma, em Portugal e no estrangeiro”. O objetivo da *Fazer*, enquanto revista e projeto curatorial, é “focar a atenção do público no modo como o design contribui para as grandes transformações sociais que estamos a viver”. *Fazer #2* constrói e antevê o segundo número da revista. Nesta exposição, os artigos da revista são apresentados através de artefactos e processos associados. A exposição inaugura com a apresentação do índice da revista e da maior parte dos seus conteúdos e termina com o lançamento da respetiva publicação impressa. Os temas e ideias abordados na revista vão ser discutidos em programas públicos que vão decorrer ao longo da exposição, introduzindo perspetivas críticas sobre resultados recentes da prática do design. O segundo número da revista é lançado a 12 de maio, no último dia da exposição na Culturgest Porto. Visitas de terça a domingo entre as 13h e as 18h.



Fábrica de Lanifícios, s.d. © Col. Estúdio Mário Novais | FCG – Biblioteca de Arte e Arquivos.

03 Feb 11h30	Visita Guiada Visita Gratuito	Visitas Guiadas ao Batalha	Batalha Centro de Cinema → Praça da Batalha, 47
04 Feb 10h00	Dia do Vizinho Festa Gratuito	Visita, oficinas, jogos e surpresas	Museu Romântico → R. de Entre-Quintas, 220
04 Feb 11h00	Visita Incógnita Exposição Gratuito	Visita orientada. Exploração de obras das coleções do museu.	Museu Nacional Soares dos Reis → R. de D. Manuel II, 44
14 Feb 14h30	Reserva de Arqueologia e Etnografia Exposição Gratuito	Visita às reservas do Museu de História Natural e da Ciência da U.Porto	Universidade do Porto → Campo dos Mártires da Pátria, 81
15 Feb 15h30	Postais ilustrados antigos do Porto Visita Gratuito	com Júlio Costa Descobrir a cidade através de postais.	Biblioteca Pública Municipal do Porto → R. de D. João IV, 2
17, 18 Feb Vários horários	As Cápsulas Visita Famílias	Encenação de Sara Pazos Visitas Desorientadas CE: 3+	Reservatório → R. Gomes Eanes de Azurara, 122
17 Feb – 27 Abr	Professor Mágico Gratuito	Tributo a Eurico Cebolo, músico, compositor e pedagogo	Biblioteca Municipal Almeida Garrett → R. de D. Manuel II, Jardins do Palácio de Cristal
17 Feb 14h00	A Outra Feira Feira Gratuito	Feira de Ilustração	Maus Hábitos → R. de Passos Manuel, 178
17, 21 Feb 14h30	Coleções de Zoologia Exposição Gratuito	Visita às reservas do Museu de História Natural e da Ciência da U.Porto	Universidade do Porto → Campo dos Mártires da Pátria, 81
24 Feb 14h30	Arqueologia e Etnografia Exposição Gratuito	Visita às reservas do Museu de História Natural e da Ciência da U.Porto	Universidade do Porto → Campo dos Mártires da Pátria, 81

06 Jan – 17 Fev 16h00	<i>A amplificação do mundo</i> Exposição	Exposição coletiva	Espaço MIRA → R. Miraflor, 159
	Gratuito		
16 Dez – 17 Fev 16h00	<i>Gore Metal Redux II</i> Exposição	Francisco Antão	Galeria Ocupa → R. do Bonfim 422/424
	Gratuito		
06 Jan – 17 Fev	<i>O mundo de Lauren ou a substância do tempo</i> Exposição	Lauren Maganete	Mira Fórum → R. Miraflor, 155
	Gratuito		
28 Jan – 24 Fev	<i>Mulher, Vida, Liberdade</i> Exposição	Exposição coletiva	Associação Iraniana Mithra → Junta de Freguesia do Bonfim: Campo 24 de Agosto, 294
	Gratuito		
13 Jan – 02 Mar	<i>Our time is out of joint</i> Gratuito	Ana Linhares	Sismógrafo → R. do Heroísmo, 318
09 Dez – 10 Mar	<i>Norte Silvestre e Agreste</i> Exposição	Exposição com a curadoria de Filipa Ramos e Juan Luis Toboso	Biblioteca Municipal Almeida Garrett → R. de D. Manuel II, Jardins do Palácio de Cristal
	Gratuito		
20 Jan – 09 Mar	<i>A Máquina de Trinados</i> Exposição	Margarida Almeida	Serpente - Galeria de Arte Contemporânea → R. de Miguel Bombarda, 558
	Gratuito		
20 Jan – 08 Mar	<i>Febre</i> Exposição	Raquel Moreira	Extéril → R. do Bonjardim, 1176
	Gratuito		
13 Jan – 02 Mar	<i>Caput Mortuum</i> Exposição	Santiago Ydáñez	Galeria Fernando Santos → R. de Miguel Bombarda, 526
	Gratuito		
13 Jan – 02 Mar	<i>Speculatio</i> Exposição	M. Ángeles Díaz Barbado	Galeria Fernando Santos → R. de Miguel Bombarda, 526
	Gratuito		

No Porto de abrigo de Virgílio Ferreira mora um laboratório de criatividade e criação



A dimensão existencial do fotógrafo Virgílio Ferreira passará sempre pela vontade de se (re)conectar e descobrir o Porto em constante transformação. Afinal, esta é a sua cidade natal que se entranha e deixa marca. Por mais viagens que faça, por mais locais que pise e gentes com quem se cruze, há sempre um sentido no regresso. Aquele local-espço de abrigo onde fermentam ideias, se criam pontes colaborativas e se repensa o mundo de dentro para fora.

Uma viagem a partir da cidade, para o país e para o mundo. Viagem com ida que também tem um retorno... ao Porto, que serve de base da experimentação, da mudança regenerativa, do abrigo de residências, de reflexões e de exposições públicas, comunitárias e sustentáveis. Foi nesse fluxo constante de viagens, de circulação de ideias e experiências que marcamos encontro com Virgílio Ferreira, diretor da Bienal Fotografia do Porto. A próxima edição vai acontecer em maio de 2025. O local escolhido para a nossa conversa foi o espaço Ci.CLO, na Rua de Santo Ildefonso, uma das estruturas independentes de pesquisa e criação do fotógrafo, que celebra agora 10 anos de existência. Podiam ser outros (os espaços que transformam a cidade), mas este tem o peso da génese. Aqui é o laboratório de criação e ponto de confluência da Bienal, no rés-do-chão do número 354.



Agenda Porto: Considera que a sua prática artística foi desafiada pelas múltiplas viagens que fez? Terá sido um período chave no que viria a ser a antecâmara para o desenvolvimento do ecossistema criativo e transdisciplinar que está no ADN da Bienal Fotografia do Porto?

Virgílio Ferreira: Foi uma das alavancas para expandir-me como artista e sair de um projeto individual para passar para um projeto de colaboração, coletivo. E, nesse caminho, não posso dissociar as experiências, a partilha inerente às residências artísticas em que participei fora do país: na Europa — em Paris, Amesterdão, Brighton, e também na Ásia e América do Norte. Foram viagens que me permitiram o contacto com outros contextos, outras realidades e culturas. Tive a oportunidade de circular por várias paragens, fui convidado a participar em exposições, em residências em vários contextos, vivi experiências radicais como na Sibéria — foi alucinante, pensava que não voltava (risos)... Esse fluxo de viagens e vivências abriu-me, de facto, novas portas.

AP **E mudaram-no enquanto fotógrafo?**

VF. Sim, sem dúvida. Essas experiências acrescentaram-me muito enquanto fotógrafo. Acabou por ser um crescimento pessoal e profissional, algo que procurava!

AP **Essa inconstância na busca é algo intrínseco a um fotógrafo. As viagens e o contacto constante com outras práticas artísticas e com outros artistas orientaram-no nessa busca?**

VF. Nestas viagens, a passagem pela Ásia teve um impacto muito significativo.

AP **Em que aspeto?**

VF. No aspeto da diferença. Nas diferenças culturais e na forma como se trabalha com os próprios parceiros e em contexto de residência. O choque cultural foi mais expressivo. Não se fica indiferente a um país como a China, com esta diversidade e com uma densidade populacional gigante de onde saíram os peregrinos do quotidiano com este foco na metrópole, nessas movimentações, nessa desorientação. Foi mesmo muito marcante. Na China, cruzei-me com fotógrafos com um percurso muito consolidado; aliás, estava muito próximo da *Factory* em Jingdezhen, uma área industrial repleta de estúdios e galerias. Contactei com vários artistas visuais e alguns fotógrafos, mas também artistas emergentes que se cruzavam nesses momentos de partilha.

AP **Onde entra aqui aquele chavão... o trabalho de fotógrafo é solitário?**

VF. Acaba por ser solitário, sim. Houve esses momentos de partilha, mas depois nessas deambulações mais nómadas, o trabalho do fotógrafo acaba por ser mais solitário. Têm de existir momentos de análise, de introspeção.



AP **E nessas viagens sentiu o apelo para o registo da imagem em movimento?**

VF. Sim, sem dúvida. Na China, cheguei a fazer vários filmes. Essa vontade de cruzar a fotografia com a imagem em movimento é algo que está muito presente... às vezes mais envergonhado, mas está muito presente. Em quase todos os projetos acabo por filmar.

AP **E nestas vivências onde entra a Bienal Fotografia do Porto?**

VF. Surge a partir do último projeto que desenvolvi, *Being and Becoming* (Ser e Devir), sobre a emigração (de Portugal para o Norte da Europa), com o qual recebi uma bolsa e que envolveu várias dinâmicas e parceiros europeus. Decidi fazer uma proposta de itinerância a nível nacional dessa exposição no âmbito da qual também organizava residências para artistas emergentes, onde havia uma partilha de experiências para desenvolver projetos específicos para aquele contexto, naquele lugar e com aquelas comunidades. Isso foi o início da Ci.CLO. Depois, criámos um programa de dois anos [um Laboratório de Criação] para artistas transdisciplinares e especialistas de áreas completamente distintas da fotografia. Este trabalho resultou numa exposição nacional, chegamos a apresentar no Fotofestival Lódz, na Polónia, na School of Visual Arts, em Nova Iorque ... houve uma visibilidade muito grande desse trabalho. E essa dinâmica é aquilo que define muito a Bienal – uma interligação cíclica entre a conceção, criação, investigação, apresentação, mediação e difusão nacional e internacional do trabalho que desenvolvemos. Sentimos, também, que havia aqui um espaço para crescer e para criar uma plataforma que pudesse envolver mais artistas, mais parceiros e dar uma nova visibilidade a todo o trabalho que estava a ser feito. A Bienal surge neste âmbito.

AP **E que desafios tem encontrado na organização da Bienal Fotografia do Porto com esta validação e importância na cidade?**

VF. Queremos continuar a nutrir as parcerias que temos e as novas que vão surgindo. Mas não o vejo como desafios, antes uma motivação — até porque os desafios estão sempre inerentes. Colocamos sempre a questão: “Será que conseguiremos captar mais financiamento para fazer crescer o projeto e dar-lhe ainda mais visibilidade e robustez, que tanto merece e necessita?” Tem mais que ver com estas questões de gestão e captação financeira.

AP **A última edição da Bienal Fotografia do Porto recebeu 16 exposições, mais de 100 atividades em 45 dias. Considera que está num processo de consolidação?**

VF. Sim, sem dúvida. Esta terceira edição mostrou isso mesmo. Conseguimos agregar 70 parceiros. Do ponto de vista internacional está profundamente consolidada. O balanço foi muito positivo por aquilo que vivenciamos com os artistas e o público, mas também da parte dos nossos parceiros, que vieram de fora e que levaram daqui do Porto uma memória muito positiva

em termos de *networking*. Sentiram-se parte deste evento e estiveram presentes na cidade. Todos retribuíram com a vontade de continuar a querer trabalhar connosco e expandir estas colaborações. Contamos nesta última edição com parceiros de 27 países desde a Alemanha, França, Espanha, Finlândia, Noruega, Suíça, Líbano, Coreia ou Peru.

Sustentar, vivificar, expandir e conectar

AP **Há algum trabalho ou momento que queira destacar?**

VF. Destaco o que às vezes é difícil perceber e que está na matriz da Bienal. Existem dois eixos que a sustenta: um diz respeito à parte processual das residências e dos laboratórios, e o outro é o programático, as exposições e atividades de mediação. No ano e meio anterior à Bienal, convidámos artistas, curadores, assim como parceiros para se envolverem nesses processos e desenvolverem trabalhos específicos. É um trabalho de fundo, de lastro, de território e de comunidade. Algo com que nos identificamos e achamos fundamental. Para o público, é um trabalho quase invisível... de fundo, que temos vindo a fazer e de onde vêm a maior parte dos conteúdos apresentados na Bienal. Nesse âmbito, já conseguimos captar parceiros e artistas internacionais que chegam ao Porto e desenvolvem os seus trabalhos, como são exemplo o Instituto Ibero-Americano da Finlândia, o artista de Nova Iorque, Uwa Iduzee, que desenvolveu um projeto no bairro do Cerco. Tudo isso deixa muito lastro, não só para o artista, mas também para a comunidade. Este é um exemplo, mas há outros. O projeto ViViFiCAR que abrange territórios de baixa densidade na região do Douro e que envolveu artistas locais e noruegueses... todo este trabalho é o que nos interessa. Continuar a consolidar. E quando há pouco me perguntou sobre os desafios... é, de facto, isto; conseguirmos implementar mais esses laboratórios e, também, fazer perceber não só às instituições, mas também a outros municípios a importância desse trabalho.

AP **E nesse diálogo da prática artística de laboratório e o trabalho que depois é feito junto das comunidades, há algum momento que queira partilhar?**

VF. Nas residências em territórios de baixa densidade no Douro, nomeadamente a exposição que esteve patente no Museu do Vinho do Porto... Imagine o que é um artista estar a viver em casa de particulares algures numa aldeia na região demarcada do Douro, receber um artista na sua casa, que não conhece e nem fala a sua língua... da parte do artista, imagine a experiência imersiva numa comunidade que não conhece.

AP **E junto das comunidades da cidade do Porto, com o projeto “Cercar-te” desenvolvido para a edição do ano passado da Bienal?**

VF. Há experiências peculiares: De repente, em pleno bairro do Cerco, na freguesia de Campanhã, receber um artista de Nova Iorque a circular naquela geografia específica o dia todo exigiu dinâmicas específicas com as várias franjas da comunidade.

AP **Mas foi fácil atrair esse nicho da população para algo tão imersivo como é uma residência e uma prática artística partilhada?**

VF. Foi, essencialmente, um trabalho de vivência que se desenvolveu ali. Tivemos de entrar dentro da comunidade e esta, de alguma forma, teve de ser preparada e contextualizada sobre o que pretendíamos desenvolver. É preciso conquistar; de repente, as portas começaram a abrir.

AP **As portas físicas abriram-se e conseguiram transpor as barreiras sociais, culturais e linguísticas?**

VF. Sim, totalmente. Aquela residência no bairro do Cerco foi incrível, conseguimos reunir muitos jovens entre os 14 e os 18 anos para trabalhar com este artista. Foi incrível. Vieram depois todos à exposição, amigos e familiares.

AP **Como perspetiva o futuro da Bienal Fotografia do Porto?**

VF. Queremos continuar a desenvolver este trabalho de fundo e de proximidade com a cidade e as suas comunidades e territórios, mas também para além desses territórios, a nível nacional e internacional. Fazemos parte da rede europeia de fotografia, a Futures, composta por 18 parceiros europeus (integrando museus, centros de fotografia, festivais). Queremos aprofundar esta rede de intercâmbio artístico internacional, desenvolvendo projetos em parcerias e/ou coproduções. Também pretendemos continuar a explorar estas plataformas associadas à Bienal, como a SUSTENTAR, aqui na cidade do Porto, em que colocamos o artista em diálogo com iniciativas que respondem às questões da sustentabilidade no meio urbano; o ViViFiCAR, residências em territórios de baixa densidade sobre esta ideia do viver e ficar num território que nos é muito próximo, o Douro; o CONNECTAR, que liga instituições internacionais à Bienal e não só. Tem uma dupla função: acolher e também expor fora. Há agora uma proposta que está a circular para a primeira edição do Festival Internacional de Fotografia de Turim, ao qual propusemos as três exposições do SUSTENTAR, para projetos fotográficos e videográficos; e o EXPANDIR, plataforma dedicada aos artistas emergentes com uma função profissionalizante e que desenvolvemos com várias faculdades e universidades, desde a Universidade Católica, as faculdades de Belas Artes e de Arquitetura do Porto, a Escola Superior de Media Artes e Design (ESMAD), a Faculdade de Belas-Artes de Lisboa ou a Escola Superior Artística do Porto.

Sustentabilidade na prática fotográfica

AP **De que forma o conceito da sustentabilidade entra na prática fotográfica e no processo criativo associado à fotografia?**

VF. É um processo que temos analisado e implementado. Sensibilizamos os próprios artistas e curadores a repensar a sustentabilidade. Temos em mente esse cuidado na produção e no desenvolvimento de propostas com soluções que achamos serem as mais sustentáveis e económicas em termos de recursos. Tivemos uma das maiores exposições em espaço público na estação de metro de São Bento, em que toda aquela dimensão e escala — ao nível da estrutura expositiva — resultou na reutilização de lixo industrial (desperdícios de produção e materiais com defeito), numa parceria com a Artworks. Este é um dos exemplos criativos e de gestão de recursos. Temos, ainda, uma ação associada de reflorestação, a ser desenvolvida nos próximos quatro anos, e que passa pela regeneração de uma ribeira no Alentejo. Infelizmente, no Porto, não identificamos, nem conhecemos projetos de regeneração. Aqui está um desafio a ser lançado ao Porto!

Fotografia ativista, geradora de diálogos

AP **No sentido mais lato, com que visões pode a fotografia contribuir para leituras críticas da sociedade, que também podem ser emotivas, conscientes e, por que não, regenerativas destas “urgências ecológicas”? De que forma a fotografia poderá contribuir para esta tomada de consciência e mudança de hábitos?**

VF. Existem várias dimensões. A Bienal convoca à fotografia, mas é sempre a fotografia em diálogo com a palavra, com a imagem em movimento, com o vídeo, com os novos media. Há sempre um cruzamento interdisciplinar. A fotografia em diálogo é fundamental. Não é fechá-la numa moldura e acreditar que, por si só, tem um poder de mudar mentalidades. Não acho que isso chegue! Acredito nesta fotografia mais ativista no sentido de criar diálogos e parcerias com artistas, curadores, produtores. É criar contexto para que as coisas aconteçam e que haja trocas. É esse trabalho invisível que falei há pouco. Um artista que trabalha durante dias com as comunidades, ele e as pessoas envolvidas jamais esquecerão estas vivências. Isso deixa marca. Acredito muito nesse trabalho de mediação; é fundamental, como, aliás, são exemplo as atividades públicas que tivemos, desde as visitas guiadas, as oficinas para famílias e crianças, o trabalho com as escolas.

AP **E nessa dinâmica com a comunidade educativa, tem existido uma continuidade nesse trabalho colaborativo?**

VF. Este ano vamos focar-nos nesse aspeto. Aliás, o trabalho de mediação estará a par desse trabalho de criação e de fundo com as escolas e grupos de jovens.

AP **E a fotografia é, por si só, um dos atos de empatia mais tangíveis, a par da palavra, da poesia, da imagem em movimento, da pintura, da literatura... tem essa exclusividade?**

VF. Sim, implicitamente. Impele à provocação, no sentir. Nutre essa empatia de querer saber mais sobre algo. Partir à descoberta. A fotografia tem uma linguagem universal, mesmo perante a diferença, nos códigos culturais. A forma como olho a fotografia será diferente de alguém numa comunidade indígena da América do Sul. Mas existe uma universalidade ou, pelo menos, permite múltiplas leituras. Estimula e cria um diálogo com o nosso próprio imaginário.



Virgílio, o fotógrafo

AP **E que camadas pessoais de um fotógrafo podem parecer (in)visíveis numa fotografia?**

VF. Aqui já estamos a entrar nas questões mais subjetivas. Mas no meu trabalho é impossível não me dissociar dessas camadas pessoais. Obviamente que é impossível todas as pessoas se conectarem, mas já recebi *feedback* de pessoas que sentem as minhas sensibilidades e subjetividades.

E prefere retratar o realismo ou a incerteza do indeterminado?

VF. Prefiro o indeterminado, o inusitado, o incerto... mas a partir do real, do concreto. O não-linear porque o mundo é assim mesmo: o mundo não é concreto, objetivo e linear. Gostaríamos que fosse, mas não é. A vida ensina-nos isso.

E existe algo que não conseguiria fotografar?

VF. A violência. Situações em que não exista empatia, nem um diálogo prévio. A invasão de espaço do Outro. A intromissão da intimidade de alguém.

Anda sempre com uma máquina fotográfica?

VF. Não. E é raro fotografar com telemóvel.

Mas não sente o apelo do registo?

VF. É curioso; houve uma altura na minha vida que deambulava na Natureza, visitava parques muito próximos, como o Gerês. Passeio por sítios incríveis na natureza, mas nunca os fotografei. Fi-lo com os olhos... com o meu olhar. Foram registos que ficaram para mim. Tenho esse direito de não o partilhar [risos], é um registo interior.

Sentir o Porto

E por falar em paragens, como sente e vivencia o Porto?

VF. É o meu Porto de abrigo. Nasci, estudei, trabalho no Porto, gosto de sair, de viajar, mas tenho sempre muita vontade de voltar. Numa determinada altura da minha vida questioneei se iria para outra cidade. Agora não tenho dúvida alguma. Esta é a minha cidade. É a cidade onde quero viver e na qual tenho cada vez mais vontade de trabalhar em contexto local e com este *networking* internacional. Quero que os projetos comecem aqui. Depois, é projetar para fora e trazer para cá pessoas, entidades, projetos e artistas para conhecerem também a nossa realidade. Essencialmente, projetar o trabalho que estamos a fazer a partir do Porto e que tem sido um grande sucesso. Sinto que há muitas entidades a olhar com respeito pela nossa singularidade, por sermos arrojados e experimentais. Há todo esse lado de teste e protótipo que acontece. Adoro o Porto e esta relação que a cidade tem com o rio e o mar.

Nesses intercâmbios e redes de colaboração, quais são os sítios no Porto que normalmente visita com esses artistas e parceiros?

VF. Confesso que nem sempre há muito tempo [risos]. Mas habitualmente vamos ao Jardim do Palácio de Cristal, à Ribeira, à Sé... todo esse percurso da baixa deixa as pessoas impactadas. No fundo, cruzamo-nos nas zonas da cidade onde temos as nossas exposições e acabamos por fazer este percurso e alguns mais improváveis. Claro que depois seguem por conta própria a explorar a cidade.

E há um Porto secreto que o Virgílio (re)visita?

VF. Antes fazia muito essas viagens pela cidade. Mas depois parei com a pandemia e com o excesso de trabalho... tenho sentido muita falta dessa descoberta da cidade, até porque ela própria é um organismo vivo em constante mudança. É algo que estou a mudar. Ando muito de bicicleta, que me permite perceber a cidade do Porto de outra forma.



→ Cinema

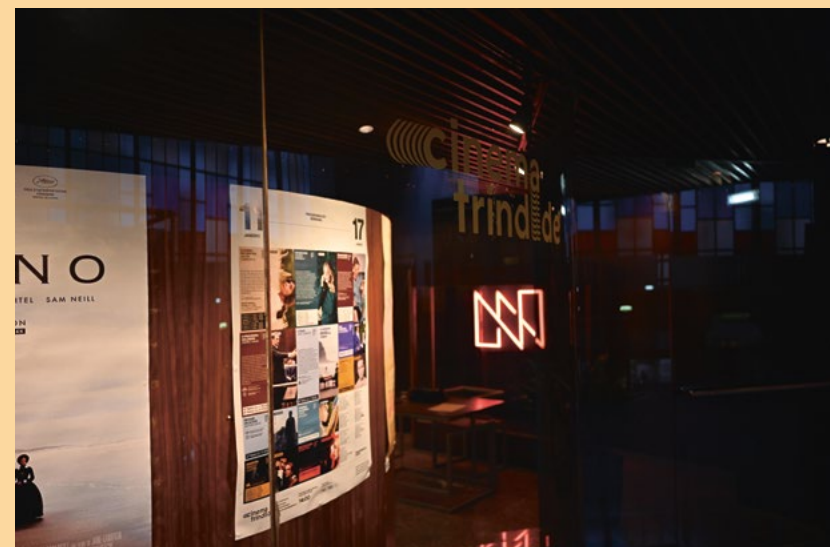
05 Feb — 16 Feb

Cinema Trindade

→ R. do Almada, 412

Há festa no Trindade!

Para comemorar o 7.º aniversário do renascimento do Cinema Trindade, o diretor Américo Santos propõe uma programação comemorativa com sessões de cinema para todas as gerações. “A escolha dos filmes resultou da ideia de criar um ponto de encontro entre a memória e o cinema contemporâneo”, diz. Esta edição conta com a apresentação de duas secções novas, a “Trindade Classics”, que pretende recuperar filmes incontornáveis ou raros do tempo do analógico, e a secção “Made in Porto”, que quer dar visibilidade ao cinema feito na cidade. Os filmes que integram a programação e que foram realizados em Portugal vão contar, ainda, com a presença dos cineastas e das respetivas equipas. Além das exhibições de filmes, no sábado, 10 de fevereiro, às 11h, haverá uma conversa com o realizador Luiz Fernando Carvalho e a atriz Maria Fernanda Cândido, do filme A paixão segundo G.H., no Batalha Centro de Cinema. — M.B.



7.º Aniversário Cinema Trindade

05 Feb 19h30	O Desprezo	Jean Luc-Godard (filme de abertura)	Cinema Trindade
05 Feb 21h45	Daaaaaali!	Quentin Dupieux	Cinema Trindade
06 Feb 21h30	O Pior Homem de Londres	Rodrigo Areias	Cinema Trindade
07 Feb 19h30	Baan (Casa)	Leonor Teles	Cinema Trindade
07 Feb 21h30	A paixão segundo G.H.	Luiz Fernando Carvalho	Cinema Trindade
08 Feb 19h00	Matria	Álvaro Gago	Cinema Trindade
08 Feb 21h00	Underground	Emir Kusturica	Cinema Trindade
09 Feb 21h00	Lavoura Arcaica	Luiz Fernando Carvalho	Cinema Trindade
10 Feb 11h00	Conversa sobre o filme A paixão segundo G.H.	com o realizador Luiz Fernando Carvalho e a atriz Maria Fernanda Cândido	Batalha Centro de Cinema
16 Feb 20h30	Vale Abraão	Manoel de Oliveira (filme de encerramento)	Cinema Trindade

02 Feb 21h30	Paris 1900, Nicole Vedrès	Casa Comum e Alliance Française Porto Ciclo de Cinema Francófono: Belle Époque e Liberdade	Casa Comum – Reitoria da U. Porto → Praça Gomes Teixeira
03 Feb 17h15	Quatro Canções para Ângelo	com Pedro Ricardo, Manuel Linhares, Paulo Barros, Angélica Salvi e FÁ Maria A partir de filmes de Ângelo de Sousa.	Batalha Centro de Cinema → Praça da Batalha, 47
03 Feb 18h00	Islândia – Natureza Ígnea	Documentário	Planetário do Porto → R. das Estrelas
09 Feb 19h15	Rita Barbosa	Luas Novas À Noite Fazem-se Amigos e um excerto de Amigos Imaginários	Batalha Centro de Cinema → Praça da Batalha, 47
09 Feb 21h30	Madame de..., Max Ophuls	Casa Comum e Alliance Française Porto Ciclo de Cinema Francófono: Belle Époque e Liberdade	Casa Comum – Reitoria da U. Porto → Praça Gomes Teixeira
15 Feb – 17 Feb 19h15	Los Ingrávidos Coletivo mexicano	Sessões de cinema e performance com João Pais Filipe	Batalha Centro de Cinema → Praça da Batalha, 47
16 Feb 21h30	Jules et Jim, François Truffaut	Casa Comum e Alliance Française Porto Ciclo de Cinema Francófono: Belle Époque e Liberdade	Casa Comum – Reitoria da U. Porto → Praça Gomes Teixeira
17 Feb 16h00	Vejam Bem	Anilupa – Centro Lúdico da Imagem Animada. Celebração dos 50 anos do 25 de Abril. CE: 6+	Casa da Música → Av. da Boavista, 604-610
20 Feb 19h30	O Filme do Repórter X	Remix Ensemble Casa da Música CE: 6+	Casa da Música → Av. da Boavista, 604-610
23 Feb 21h30	Dilili à Paris, Michel Ocelot	Casa Comum e Alliance Française Porto Ciclo de Cinema Francófono: Belle Époque e Liberdade	Casa Comum – Reitoria da U. Porto → Praça Gomes Teixeira

03 Feb
16h00

RAMPA

→ Pátio do Bolhão, 125

Conversa

Gratuito

Memorializar a escravatura no espaço público português

Conversa-debate

Uma conversa em torno da memorialização da escravatura no espaço público português, tendo como ponto de partida o processo de criação do Memorial de Homenagem às Pessoas Escravizadas, em Lisboa, uma iniciativa da Djass – Associação de Afrodescendentes. Esta conversa servirá, também, para olhar para os vários lugares que perpetuam a memória do Conde de Ferreira, na cidade do Porto e no resto do país, de forma a indagar como estes poderão ser ressignificados, contribuindo para a promoção de uma visão crítica sobre o envolvimento de Portugal no tráfico transatlântico de pessoas escravizadas. Será possível, alguma vez, estes lugares virem a ser ressignificados? — Nuno Coelho

Conversa-debate com Evalina Gomes Dias (Djass – Associação de Afrodescendentes), Marta Lança (editora do BUALA) e Paulo Moreira (diretor artístico do INSTITUTO), e moderação de Nuno Coelho (associação cultural RAMPA e curador da exposição). Esta é uma atividade integrada no programa paralelo da exposição “Joaquim – O Conde de Ferreira e seu legado”, que pode ser visitada até 17 de fevereiro, de quarta a sábado, entre as 15h e as 19h, na RAMPA.



Jardim da Memória, Ilha de Moçambique © Nuno Coelho

03 Feb
10h00

Cuidar do papel

com Joana Guerreiro, Madalena Oliveira e Maria João Calheiros

Casa do Infante
→ R. da Alfândega, 10

Cuidar – Museu e Bibliotecas do Porto

Oficina

CE: 16+

08 Feb
18h30

Os salteadores em Os grão-capitães, de Jorge de Sena

Contos de Memória e Resistência

Biblioteca Municipal Almeida Garrett
→ R. de D. Manuel II, Jardins do Palácio de Cristal

Biblioteca Almeida Garrett – Clube de Leitura

Leitura

Gratuito

09 Feb
18h00

Se não com os outros, como? – Poesia e cidadania na obra de Ana Luísa Amaral

Conferência da Professora Marinela Freitas

Casa dos Livros
→ Palacete Burmester: R. do Campo Alegre, 1055

Palestra

Gratuito

10 Feb
18h00

Caderno de viagem a Itália de António Carneiro

com Bernardo Pinto de Almeida e Laura Castro

Casa-oficina de António Carneiro
→ R. de António Carneiro, 363

Um objeto e seus discursos

Gratuito

15 Feb
22h00

Abrir-se a janela para entrarem estrelas

Quintas de Leitura

TMP Campo Alegre
→ R. das Estrelas

CE: 12+

Leitura

17 Feb
17h00

Hal Foster

Conversa com crítico de arte americano

ESAP - Escola Superior Artística do Porto
→ R. dos Navegantes, 51

Conversa

Gratuito

20 Feb
16h00

Uma leguminosa por dia, não sabe o bem que lhe fazia... e ao Ambiente!

com Vera Almeida

Biblioteca Municipal Almeida Garrett
→ R. de D. Manuel II, Jardins do Palácio de Cristal

Clube da Saúde

Palestra

Gratuito

20 Fev 19h00	E os Cães Deixaram de Ladrar, de Aimé Césaire	Leituras em grupo – Coordenação de Nuno M. Cardoso e Paula Braga <u>Leituras no Mosteiro São Bento da Vitória</u>	TNSJ – Teatro Nacional de São João → R. de São Bento da Vitória, 45
	Leitura		
22 Fev 15h00	Vilafrancada e Abrilada: Do Antigo Regime à Contrarrevolução	Leituras Arquivísticas e Historiográficas	Casa do Infante → R. da Alfândega, 10
	Gratuito		
22 Fev 18h30	A língua das borboletas em <i>Que me queres, amor?</i>, de Manuel Rivas	Contos de Memória e Resistência <u>Biblioteca Almeida Garrett – Clube de Leitura</u>	Biblioteca Municipal Almeida Garrett → R. de D. Manuel II, Jardins do Palácio de Cristal
	Leitura	Gratuito	
24 Fev 14h30	Músicos de Fraldas	Propostas sonoras para bebés. Para educadores e formadores.	Casa da Música → Av. da Boavista, 604-610
	Oficina		
24 Fev 15h00	A Flora na Toponímia do Porto	com A Recoletora e a herbalista Fernanda Botelho	Entre Quintas → R. de Entre-Quintas, 156
	Oficina	Gratuito	
24 Fev 18h00	A virgem lactante	com Mariana, a Miserável e Lúcia Rosas <u>Um objeto e seus discursos</u>	Museu Guerra Junqueiro → R. de D. Hugo, 32
	Gratuito		
29 Fev 19h00	Deus na Escuridão	Apresentação de livro, Valter Hugo Mãe	Museu Nacional Soares dos Reis → R. de D. Manuel II, 44
	Leitura		

→ Desporto e Movimento

24 Fev — 25 Fev

Clube Fluvial
Portuense

Provas

Gratuito

24 Fev das 15h00 às 18h30
25 Fev das 09h30 às 18h30

→ R. de Aleixo da Mota

Meeting Internacional do Porto em Natação Artística

Associação de Natação do Norte de Portugal e Clube Fluvial Portuense

Força, resistência, sincronização, graciosidade, natação e... arte. Guardem o fôlego e preparem-se para aquele que será o primeiro Meeting Internacional do Porto em Natação Artística, que decorre no último fim de semana de fevereiro. O palco da competição será as piscinas do centenário Clube Fluvial Portuense. Participam atletas femininos e masculinos de clubes e associações desportivas de todo país, assim como emblemas internacionais de Espanha, Suíça ou Finlândia, dos escalões de formação, infantis, juvenis, juniores, absolutos e *masters*. Numa altura em que a Seleção Nacional de Natação Artística almeja a qualificação para os Jogos Olímpicos de Paris 2024, “encontros como o que acontece na Invicta revestem-se de especial importância já que não só despertam interesse dos atletas, clubes e associações do Porto para que desenvolvam a natação artística na cidade, assim como promovem a afirmação desta disciplina a nível nacional”, destaca Sílvia Pinto, treinadora de natação artística do Clube Fluvial Portuense. — s.o.



01 Feb – 25 Feb	ITF Women Indoor I, II e III	Federação Portuguesa de Tênis	Complexo Desportivo do Monte Aventino → R. do Monte Aventino Mais informação em agoraporto.pt
	Provas	Gratuito	
02, 09, 16, 23 Feb 11h30	Saudavel-Mente	Programa municipal de bem-estar sénior	Piscina Municipal Eng.º Armando Pimentel, Pasteleira Mais informação em agoraporto.pt
	Aula	Gratuito	
03, 10, 17, 24 Feb	Dias com Energia	Aulas de tai-chi, ioga e pilates	→ Vários locais Mais informação em agoraporto.pt
	Gratuito		
03 Feb 10h00 – 13h00	Estágio Ibérico de Kenpo	Evento com artes marciais e aulas abertas ao público	Pavilhão Municipal do Viso → Tv. Viso, 97
	Aula	Gratuito	
04, 11, 18, 25 Feb 10h00	Domingos em Forma	Caminhadas e exercícios com profissionais de educação física	→ Parque Oriental da Cidade do Porto Mais informação em agoraporto.pt
	Gratuito		
04 Feb 09h30	III Duatlo Portus Cale	Associação Náutica Desportiva e Cultural Portus Cale	Parque da Pasteleira → R. de Diogo Botelho
	Ar livre	Gratuito	
04 Feb 09h30 – 12h30	Torneio de Kenpo	Competição de Kumite sub-18	Clube Fluvial Portuense → R. de Aleixo da Mota
	Provas	Gratuito	
12 Feb – 13 Feb	Hernâni Cup 2024	Torneio de futebol com equipas de jovens de vários pontos do país	Centro Cultural e Desportivo do Porto → R. de Alves Redol, 292
	Provas	Gratuito	
14, 21, 28 Feb 10h30	Saudavel-Mente	Programa municipal de bem-estar sénior	Piscina Municipal da Constituição → R. do Alm. Leote do Rego, 236
	Aula	Gratuito	
24 Feb 13h00 – 19h00	Breaking Battle in Action Jam	Batalhas de Breaking de várias categorias. Para experientes e inexperientes. Inscrições em inactionjam@gmail.com	Action Performing Arts Center Estúdio → R. do Lima, 50
	Dança		

→ Música e clubbing

17 Feb — 23 Mar
16h00

Museu Romântico

→ R. de Entre-Quintas, 220

Concerto

Gratuito

IV Festival Internacional de Música Santa Cecília

À descoberta de jovens talentos do piano

Santa Cecília, padroeira dos músicos, dá o nome ao Festival Internacional de Música que se realiza na cidade do Porto. Todos os sábados, a partir de 17 de fevereiro e até 23 de março, às 16h00, no Museu Romântico, jovens talentos do piano vão interpretar composições de Ravel, Beethoven, Chopin ou Debussy, entre outros. Organizado pela Câmara do Porto, com direção artística do Curso de Música Silva Monteiro, o IV Festival Internacional de Santa Cecília resulta da 25.ª edição do Concurso Internacional Santa Cecília, que aconteceu em julho de 2023, na Casa da Música. Este concurso acolhe e apresenta, anualmente, o repertório de mais de uma centena de pianistas de todo o mundo.



01 Fev 21h30	Tiago Sousa Concerto	Compositor, pianista e organista CE: 6+	Casa da Música → Av. da Boavista, 604-610
02 Fev 18h00	Microvolumes 4.43 Concerto	Pierce Warnecke & Louis Laurain, Antez e Tobias Klein	Sonoscopia Associação → R. de Silva Porto, 217
03 Fev 18h00	Espiral Sinfónica Concerto	Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música	Casa da Música → Av. da Boavista, 604-610
03 Fev 21h00	Cultura Profética Concerto	Banda de reggae porto-riquenha	Hard Club → Praça do Infante D. Henrique, Mercado Ferreira Borges
03 Fev 22h00	Eu.Clides Concerto	Apresentação do álbum de estreia <i>Declive</i> CE: 6+	Casa da Música → Av. da Boavista, 604-610
04 Fev 17h00	10 anos Biruta Festa	Aniversário da editora Biruta Records	Socorro → R. Guedes de Azevedo, 44
05 Fev 21h00	Nitin Sawhney Concerto	Apresentação do novo álbum <i>Identity</i> CE: 6+	Casa da Música → Av. da Boavista, 604-610
07 Fev 20h30	Crystal Fighters Concerto	Apresentação do álbum <i>Light</i>	Hard Club → Praça do Infante D. Henrique, Mercado Ferreira Borges
08 Fev 21h30	June Freedom Concerto	Apresentação do álbum <i>7 Seas</i>	Hard Club → Praça do Infante D. Henrique, Mercado Ferreira Borges
09 Fev 21h00	B Fachada Concerto	Acompanhado pelo violinista Fernando Meireles Júnior	Auditório CCOP → R. do Duque de Loulé, 202
09 Fev 21h00	Future Jazz Concerto	Concertos de estudantes CE: 6+	Casa da Música → Av. da Boavista, 604-610

09 Fev 21h30	Fingertips Concerto	Concerto relâmpago CE: 6+	Coliseu Porto Ageas → R. Passos Manuel, 137
10 Fev 15h30	Bruno Santos & Eugénia Lameiro Concerto	Novos Talentos – Curso de Música Silva Monteiro CE: 6+	TMP Rivoli → R. do Bonjardim, 149
10 Fev 16h30	Jonathan Silva Concerto	Novos Talentos – Curso de Música Silva Monteiro CE: 6+	TMP Rivoli → R. do Bonjardim, 150
10 Fev 21h00	Edmundo Inácio Concerto	Multi-instrumentista e produtor autodidata CE: 6+	Casa da Música → Av. da Boavista, 604-610
10 Fev 21h00	Future Rocks Concerto	Concertos de estudantes CE: 6+	Casa da Música → Av. da Boavista, 604-610
11 Fev 21h00	Scary Pockets Concerto	Banda de covers	Hard Club → Praça do Infante D. Henrique, Mercado Ferreira Borges
14 Fev 21h30	As Canções de Amor de Rui Veloso Concerto	Para celebrar o Dia dos Namorados	Coliseu Porto Ageas → R. de Passos Manuel, 137
15 Fev 21h30	Must Be Blue Concerto	Pedro Costa e Maria Damasceno CE: 6+	Casa da Música → Av. da Boavista, 604-610
16, 17 Fev 21h30	António Zambujo Concerto	Apresentação do álbum <i>Cidade</i> CE: 6+	Coliseu Porto Ageas → R. de Passos Manuel, 137
16 Fev 22h00	Strongboi Concerto	O duo berlinense apresenta baladas soul jazz, groove e funk	Auditório CCOP → R. Duque de Loulé, 202

16 Fev	Da Googie	Estreia em nome próprio na cidade do Porto CE: 12+	TMP Rivoli → R. do Bonjardim, 143
17 Fev	Rafael Kyrchenko	Curso de música Silva Monteiro IV Festival Internacional de Santa Cecília	Museu Romântico → R. de Entre-Quintas, 220
17 Fev 18h00	Uma Noite em Hollywood	Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música CE: 6+	Casa da Música → Av. da Boavista, 604-610
18 Fev 19h00	Hugo Negrelli	Apresentação do novo álbum <i>A March For Hackney</i> CE: 6+	Coliseu Porto Ageas → R. Passos Manuel, 137
18 Fev 21h30	Tóli César Machado	Fundador dos GNR, apresenta o seu novo álbum <i>Noir</i> CE: 6+	Casa da Música → Av. da Boavista, 604-610
21 Fev 21h30	Tomatito e José del Tomate	Guitarra flamenca CE: 6+	Casa da Música → Av. da Boavista, 604-610
22 Fev 21h30	Few Dates of Love	de Leonor Baldaque CE: 6+	Casa da Música → Av. da Boavista, 604-610
22 Fev 21h30	Bela Noia	Apresentação do álbum <i>Os Miúdos Estão Bem</i>	Casa da Música → Av. da Boavista, 604-610
23 Fev 21h00	Orquestra Sinfónica da ESMAE		Teatro Helena Sá e Costa → R. da Alegria, 503
23 Fev 21h00	No Tempo de Bomtempo	Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música CE: 6+	Casa da Música → Av. da Boavista, 604-610

24 Fev 16h00	Stefan Bonev	Curso de música Silva Monteiro IV Festival Internacional de Santa Cecília	Museu Romântico → R. de Entre-Quintas, 220
24 Fev 19h00	Orquestra Sinfónica da ESMAE		Teatro Helena Sá e Costa → R. da Alegria, 503
24 Fev 21h00	Wolf Manhattan	com o músico e produtor João Vieira	M.Ou.Co → R. de Frei Heitor Pinto, 65
24 Fev 21h30	Marisa Liz	Girassóis, Tempestades e Mensagens de Amor CE: 6+	Coliseu Porto Ageas → R. de Passos Manuel, 137
24 Fev 21h30	Van Zee	Apresentação do álbum <i>do.mar</i>	Hard Club → Praça do Infante D. Henrique, Mercado Ferreira Borges
25 Fev 12h00	A Sétima de Beethoven	Orquestra Sinfónica do Porto Casa da Música - Concerto comentado CE: 6+	Casa da Música → Av. da Boavista, 604-610
25 Fev 18h00	Os Senhores	Apresentação da nova banda nacional CE: 6+	Coliseu Porto Ageas → R. Passos Manuel, 137
27 Fev 21h30	Manel Cruz	Novos temas a solo e num formato intimista CE: 6+	Casa da Música → Av. da Boavista, 604-610
29 Fev 20h00	Idles	A banda de pós-punk britânica apresenta-se na maior sala da cidade	Super Bock Arena – Pavilhão Rosa Mota → R. de D. Manuel II, Jardins do Palácio de Cristal
29 Fev 21h30	Carlos Raposo	Fusão entre música tradicional portuguesa e o psicadelismo de sintetizadores CE: 6+	Casa da Música → Av. da Boavista, 604-610

11 Fev
17h00Clube de Circo
Contemporâneo

Circo

CE: 3+

→ R. João Martins Branco, 180

Os gatos caem sempre
de cara ou como salvar
as abelhas

O Circo Contemporâneo abre-se à cidade

Para quem gosta de circo há um Ensaio Aberto ao público do espetáculo de Inês Pinho. Os Ensaios Abertos resultam do novo programa de apoio a residências artísticas de circo no CCC - Clube de Circo Contemporâneo do Porto, espaço criado pela companhia Erva Daninha, com o intuito de dinamizar as artes circenses na cidade. A inspiração para este projeto surge da questão “Que fenómeno seria capaz de destronar a verdade absoluta que diz que os gatos caem sempre de pé?”. “O projeto vive, na sua maioria, de elementos naturais; logo, não podia deixar de fazer o convite, ainda que indireto, à consciencialização para a proteção das espécies, especialmente dos nossos queridos polinizadores”, conta Inês Pinho. Os Ensaios Abertos pretendem criar momentos de partilha num ambiente descontraído. No final do espetáculo, há espaço para uma conversa com o público, que pode colocar questões e fazer sugestões aos artistas. Os Ensaios Abertos são gratuitos, mas requerem inscrição prévia através da plataforma Eventbrite. — M.B.



© Miguel Brás

01, 03 Fev 19h00	Tribunal Mina Teatro	Companhia de Teatro Hotel Europa CE: 12+	TeCA – Teatro Carlos Alberto → R. Das Oliveiras, 43
02, 09 Fev 15h00	Cor(p)lo de intervenção Oficina Gratuito	Coro Intergeracional e Multicultural da Palavra Dita Atividades da Biblioteca	Biblioteca Municipal Almeida Garrett → R. de D. Manuel II, Jardins do Palácio de Cristal
02, 03 Fev 19h30	Pêndulo Teatro	Marco Martins/ Arena Ensemble CE: 12+	TMP Campo Alegre → R. das Estrelas
02, 03 Fev 21h00	Feliz Aniversário Espetáculo	João Baião e Frederico Corado CE: 12+	Coliseu Porto Ageas → R. de Passos Manuel, 137
02 Fev 21h00	A Mina Teatro	Companhia de Teatro Hotel Europa CE: 12+	TeCA – Teatro Carlos Alberto → R. Das Oliveiras, 43
03 Fev – 27 Abr	Visitações: Revolução Teatro	de Cátia Pinheiro e José Nunes	Mosteiro de São Bento da Vitória → R. de São Bento da Vitória, 45
04 Fev 16h00	A Mina + Tribunal Mina Teatro	Companhia de Teatro Hotel Europa CE: 12+	TNSJ – Teatro Nacional de São João → Praça da Batalha, 112
08 Fev – 11 Fev	Fanga Teatro	Direção de Luís Castro CE: +16	TNSJ – Teatro Nacional de São João → Praça da Batalha, 112
09, 10 Fev 19h30	A Missão da Missão Teatro	Aurora Negra	TMP Campo Alegre → R. das Estrelas
11 Fev 19h00	Siegfried e Joy Magia Famílias	Ilusionismo com um toque de humor teutónico	Auditório CCOP → R. do Duque de Loulé, 202

15 Fev – 02 Mar	Edelweiss Teatro	Encenação de Nuno Pino Custódio	ACE – Teatro do Bolhão → R. Formosa, 342
16, 17 Fev 19h30	TAKE Dança	São Castro & António M Cabrita/Instável – Centro Coreográfico CE: 6+	TMP Rivoli → R. do Bonjardim, 151
16, 17 Fev Vários horários	Aberturas e Figuras Dança Famílias	Balleteatro A partir da poesia concreta experimental portuguesa dos anos 60 e 70	Teatro Helena Sá e Costa → R. da Alegria, 503
16, 17 Fev Vários horários	O pior é Dança Famílias	Balleteatro A partir de <i>O pior é que fica</i> de Maria José Vieira Mendes	Teatro Helena Sá e Costa → R. da Alegria, 503
23, 24 Fev 19h30	Acid Gems + Static Shot Dança	CCN – Ballet de Lorraine CE: 12+	TMP Rivoli → R. do Bonjardim, 152
24 Fev 16h00	Uma partícula mais pequena do que um grão de pó Dança	Sofia Dias & Vítor Roriz CE: 6+	TMP Campo Alegre → R. das Estrelas

→ Famílias

12 — 14 Fev
10h00 — 17h00**Coliseu Porto
Ageas**

Oficina CE: 6+

→ R. de Passos Manuel, 137

Oficinas de Carnaval

Brincar ao faz de conta

Em fevereiro chega o Carnaval e o Serviço Educativo do Coliseu propõe, durante três dias, três oficinas para fantasiar à-vontade e criar personalidades e identidades alternativas através de ferramentas do teatro: no dia 12, uma oficina de representação para “entrevistas surreais”, com simulacros de acontecimentos e onde coisas e objetos ganham vida; no dia 13, na oficina de jogos de representação “Adivinha quem eu sou”, propõe-se a criação de personagens, fingindo vozes, movimentos, posturas e desenvolvendo argumentos, e desafiando a capacidade de improvisação. No final, há um desfile de Carnaval com as personagens inventadas. No dia 14, na oficina “Imagens Virais”, a proposta é mergulhar na cultura digital e analisar os significados das imagens virais, conhecidas por “memes”. Aqui, combina-se imagem, texto e humor, e os participantes criam e interpretam personagens nos espaços do Coliseu que, fotografados e editados, vão “viralizar” o Carnaval. Para crianças e jovens dos 6 aos 12 anos. Preço: 40€/dia; 96€ os três dias. Inscrições através de educativo@coliseu.pt ou 223 395 092.



01 Feb – 29 Feb
Vários horários
Oficina Arte e Sustentabilidade
Oficina

É preciso ter lata
Museu Nacional Soares dos Reis
→ R. de D. Manuel II, 44

03 Feb
10h00
Ler antes de ler
Oficina Gratuito

com Nina Ferreira
Oficinas Infanto-juvenis do Museu e Bibliotecas do Porto
Biblioteca Municipal Almeida Garrett
→ R. de D. Manuel II, Jardins do Palácio de Cristal

03 Feb
11h00
Ser criança na idade antiga
Oficina Gratuito

com Graça Lacerda
Oficinas Infanto-juvenis do Museu e Bibliotecas do Porto
Reservatório → R. Gomes Eanes de Azurara, 122
CE: 3+

03 Feb
15h00
Há formas no Espaço
Cinema Famílias

Filme de animação imersivo
CE: 3+
Planetário do Porto
→ R. das Estrelas

03 Feb
15h30
Once upon a time...
Oficina Gratuito

Hora do Conto em Inglês com o British Council
Oficinas Infanto-juvenis do Museu e Bibliotecas do Porto
Biblioteca Municipal Almeida Garrett
→ R. de D. Manuel II, Jardins do Palácio de Cristal
CE: 6+

03 Feb
16h00
Vida: Uma história cósmica
Espetáculo Famílias

Sessão imersiva
Sessões do Planetário
Planetário do Porto
→ R. das Estrelas

04 Feb
Vários horários
Oficina Obras, histórias e dobras
Oficina Gratuito

A arte de dobrar papel
Museu Nacional Soares dos Reis
→ R. de D. Manuel II, 44

05 Feb – 26 Feb
18h00
Literatura para a infância
Oficina

A casa dos livros com janelas para o mundo
Atividades da Biblioteca
Biblioteca Municipal Almeida Garrett
→ R. de D. Manuel II, Jardins do Palácio de Cristal

08 Feb
21h00
Mais perto das estrelas
Ar livre Gratuito

Observação astronómica noturna
Sessões do Planetário
Planetário do Porto
→ R. das Estrelas

03, 10, 17, 24 Feb
Vários horários
Jardim de contos
Oficina Gratuito

com Helena Vieira, Verónica Magalhães, Mónica Santos, Maria Adelaide Silva
Oficinas Infanto-juvenis do Museu e Bibliotecas do Porto
Biblioteca Popular de Pedro Ivo
→ Praça do Marquês de Pombal

10 Feb
11h00
Tatakizome
Oficina Gratuito

com Azul Cobalto
Oficinas Infanto-juvenis do Museu e Bibliotecas do Porto
Entre Quintas
→ R. de Entre-Quintas, 156
CE: 3+

10 Feb
11h00
A Gansa Tolinha
Oficina Gratuito

de Marni McGee com Alison Edgson
Sábados a Contar
Biblioteca Municipal Almeida Garrett
→ R. de D. Manuel II, Jardins do Palácio de Cristal
CE: 3+

10 Feb
14h30
Atchim! Ervas que curam #2
Oficina Gratuito

A Recoletora com a herbalista Fernanda Botelho
Oficinas Infanto-juvenis do Museu e Bibliotecas do Porto
Entre Quintas
→ R. de Entre-Quintas, 156
CE: 5+

10 Feb
15h00
Somos os guardiões
Espetáculo

Sessão imersiva
Sessões do Planetário
Planetário do Porto
→ R. das Estrelas

10, 15 Feb
15h30
Oficinas com estória
Oficina Gratuito

com Maria Adelaide Silva e Helena Vieira
Oficinas Infanto-juvenis do Museu e Bibliotecas do Porto
Biblioteca Municipal Almeida Garrett
→ R. de D. Manuel II, Jardins do Palácio de Cristal
CE: 6+

10 Feb – 25 Feb
Vários horários
Na Floresta
Teatro

Teatro de Marionetas
CE: 3+
Teatro de Marionetas do Porto
→ R. de Belomonte, 57

11 Feb
Vários horários
Oficina Marionetas de Papel
Oficina

Caixa das Histórias Ensariilhadas, mediadora Filipa Mesquita
Museu Nacional Soares dos Reis
→ R. de D. Manuel II, 44

Fevereiro	2024	Famílias		
11 Feb	11h00	Mascarara	com a Oficina Arara <u>Oficinas Infanto-juvenis do Museu e Bibliotecas do Porto</u> CE: 6+	Museu Romântico → R. de Entre-Quintas, 220
		Oficina	Gratuito	
17 Feb	11h00	O Que é o amor Minimoni	De Rocio Bonilla <u>Sábados a Contar</u> CE: 3+	Biblioteca Municipal Almeida Garrett → R. de D. Manuel II, Jardins do Palácio de Cristal
		Oficina	Gratuito	
17 Feb	11h00	Cápsula 20.0 #3	com o Coletivo ARISCA CE: 5+	Arqueossítio → R. de D. Hugo, 5
		Oficina	Gratuito	
17 Feb	15h00	Vítor e Sofia vão à Lua	Sessão imersiva de planetário <u>Sessões do Planetário</u> CE: 6+	Planetário do Porto → R. das Estrelas
		Espetáculo		
17 Feb	16h00	O céu d'Os Lusíadas	Sessão imersiva de planetário <u>Sessões do Planetário</u> CE: 12+	Planetário do Porto → R. das Estrelas
		Espetáculo		
18 Feb	Vários horários	Canto Medo Espanto	<u>Oficinas infantis da Casa da Música</u> CE: 3 meses+	Casa da Música → Av. da Boavista, 604-610
		Oficina		
18 Feb	Vários horários	Imaginários coletivos	Ruturas, mediadora Sónia Cunha	Museu Nacional Soares dos Reis → R. de D. Manuel II, 44
		Oficina	Famílias	
24 Feb	11h00	Daqui Ninguém Passa!	De Isabel Minhós Martins com Bernardo P. Carvalho <u>Sábados a Contar</u> CE: 3+	Biblioteca Municipal Almeida Garrett → R. de D. Manuel II, Jardins do Palácio de Cristal
		Oficina	Gratuito	
24 Feb	11h00	Bichos desenrolados	com o Coletivo ARISCA <u>Oficinas Infanto-juvenis do Museu e Bibliotecas do Porto</u> CE: 3+	Museu Romântico → R. de Entre-Quintas, 220
		Oficina	Gratuito	

→ CE: Classificação etária

Famílias	Fevereiro	2024		
24, 27 Feb	11h00	Fantochada	Oficina de fantoches de cartão <u>Oficinas artísticas com Eva Couteiro</u> CE: 6+	Biblioteca Municipal Almeida Garrett → R. de D. Manuel II, Jardins do Palácio de Cristal
		Oficina	Gratuito	
24 Feb	15h00	Somos os Guardiões	Sessão imersiva <u>Sessões do Planetário</u>	Planetário do Porto → R. das Estrelas
		Espetáculo		
24 Feb	16h00	O espantoso telescópio	Sessão imersiva <u>Sessões do Planetário</u>	Planetário do Porto → R. das Estrelas
		Espetáculo	Famílias	
25 Feb	Vários horários	Visitar Pousão	Experiência com aguarela a partir da obra de Henrique Pousão	Museu Nacional Soares dos Reis → R. de D. Manuel II, 44
		Oficina	Gratuito	
25 Feb	10h00	A Playlist dos Bébés	<u>Oficinas infantis da Casa da Música</u> CE: 3 meses+	Casa da Música → Av. da Boavista, 604-610
		Concerto		

10:30 · QUARTAS-FEIRAS
PISCINA MUNICIPAL
DA CONSTITUIÇÃO

11:30 · SEXTAS-FEIRAS
PISCINA MUNICIPAL
ENG. ARMANDO PIMENTEL

MAIORES 60 ANOS

Porto.

PROGRAMA GRATUITO DE BEM-ESTAR SENIOR

Mais informações em www.agoraporto.pt

10 Fev
10h00

Universidade do Porto

→ Av. dos Aliados, 291

Roteiro Gratuito

Roteiro do Conhecimento da UP

À descoberta da química

Uma proposta para um sábado diferente: aprender sobre a investigação da análise química no Porto e descobrir que, até, pode ser bem divertido. Tendo como ponto de partida a Avenida dos Aliados (junto à estátua Almeida Garrett), com uma visita ao local onde antes se ergueu o *Laboratório Municipal de Chimica*, segue-se caminho até ao Polo Central do Museu de História Natural e da Ciência, ao encontro do Laboratório Ferreira da Silva. A 2 de junho de 1884, o *Laboratório Municipal de Chimica* abriu ao público no Porto. Tinha como missão analisar a qualidade dos alimentos e detetar eventuais falsificações. Criado pela Câmara Municipal, foi montado e gerido por António Joaquim Ferreira da Silva (1853-1923), e alcançou grande notoriedade, tendo estado envolvido em dois casos mediáticos nos finais do séc. XIX – o caso médico legal Urbino de Freitas e a questão da suposta salicilagem dos vinhos do Porto exportados para o Brasil. Este roteiro, com duração de duas horas, é dinamizado Marisa Monteiro, curadora de instrumentos científicos do Museu de História Natural da Universidade do Porto. Número de vagas limitado. Inscrição prévia: visitas@mhnc.up.pt.



© D.R.

03, 10, 17,
24 Fev

08h00

Feira da Vandoma

Feira Gratuito

→ Av. 25 de Abril

03, 10, 17,
24 Fev

08h30

Produtos biológicos
no Parque da Cidade

Feira Gratuito

Feiras ao ar livre

Parque da Cidade
→ Beco das
Carreiras, 67

04, 11, 18,
25 Fev

07h00

Feira de Numismática,
Filatelia e Colecionismo

Feira Gratuito

Feiras ao ar livre

→ Praça D. João I

04, 11, 18,
25 Fev

07h00

Feira dos Passarinhos

Feira Gratuito

→ R. da Bélgica, 28

06, 10 Fev

14h30

Porto: Na Cidade
Das Águas – Entre
Bonfim e Campanhã

Visita

com Mário Mesquita

Deriva – Museu e
Bibliotecas do Porto

Parque das Águas
(ponto de encontro)
→ R. do Barão de
Nova Sintra

17 Fev

08h00

Feira de Antiguidades
e Velharias

Feira Gratuito

Feiras ao ar livre

→ Praça do Dr.
Francisco Sá Carneiro
(Praça Velásquez)

17 Fev

14h30

Caminhos
do Romântico

Visita

Visita Guiada

Percurso Especial

Biblioteca Municipal
Almeida Garrett
→ R. de D. Manuel II,
Jardins do Palácio
de Cristal

Conjugar o Porto

“Catrapiscar” com Marta Bateira



© D.R.

Catrapiscar, essa espécie de piscar de olho de soslaio, será sempre uma das melhores partes de um engate. Para Marta Bateira, humorista portuense, a conquista do “vai chegando no sapatinho” e toda a expectativa que esse momento inicial provoca são o ponto de partida para um encontro de sucesso, e aumentam a probabilidade para o tal final feliz (que todos esperamos!).

Foi a partir da partilha destes momentos íntimos, relatados em vídeos curtos no Youtube, que Marta criou a sua personagem Beatriz Gosta. Aqui começou aquele catrapiscar da Marta que depressa se transformou num caso sério de enamoramento do público por ela e vice-versa. A culpada de tudo isto é a rapper portuguesa e amiga de longa data Capicua, que lhe lançou o repto: “E se contasses histórias em frente à câmara como contas para os teus amigos? E se essas mesmas histórias criassem empatia por quem está do outro lado da câmara?” O desafio foi certo e deu frutos. “As pessoas sentem-se representadas e ficam encorajadas para serem e assumirem quem são. Eu digo o que os outros pensam e não têm coragem de dizer, e o povo ri”, revela.

A Beatriz de 2015 não é a mesma de 2024; a personagem foi evoluindo tal como as fases da vida da Marta. O seu percurso pessoal quase que se funde nas suas rábulas do quotidiano que, afinal, é o de todos nós. Depois de ter sido mãe, sentiu a necessidade de abordar o tema da maternidade e falar sem rodeios das dúvidas, dos problemas e dos devaneios desta fase, desde a privação de sono, às alterações físicas e emocionais. A sexualidade continua a ser um dos temas centrais do seu trabalho, com foco na educação e quebra de estruturas rígidas de pensamento. Portanto, desta personagem podemos esperar uma mulher em constante mutação. Mas há algo nela que não muda e está entranhado na essência do seu trabalho – o Porto. Esse lugar bom para viver, para estar, para catrapiscar e nos enamorarmos perdidamente. É feito de paisagens que davam um postal e que, por si só, já são um convite para histórias de (des)amor e (des)encontros.

“O Jardim das Virtudes é o sítio onde o pessoal tem mais dates, os Maus Hábitos [espaço artístico com bar e restaurante] tem uma boa sangria de pepino, a Praça dos Poveiros também é uma opção, mas bom, bom é ir para Ribeira de Gaia, ali ninguém te encontra.” Marta Bateira reconhece que os portuenses são cativantes, “são um povo caloroso, meio guna desconfiado, mas quando abraçam já te fazem sentir que és da casa, dão-te comida e pedem-te para repetir três ou quatro vezes os petiscos da mãe ou da avó”. E, claro, “têm sempre uma piada na manga e dizem-na com ginga; são aparentemente brutos, mas têm o coração de manteiga”.

O ano de 2024 será de grandes revelações, novos projetos e muitos espetáculos. “Vou viajar pelo país e comunicar em vários formatos, o canal do YouTube vai ressuscitar, porque ali não há filtro e eu posso ser livre e dizer o que quero.” A Beatriz Gosta vai continuar a impactar muitos de nós e a catrapiscar com os seus olhos desarmantes e um punhado de palavras certas.

Portografia

O Porto em Aguarela

António Cruz era tido pelos seus contemporâneos como tímido e avesso à vida pública, o que não o impediu de ser considerado por muitos “o maior aquarelista português”. E o sujeito das aquarelas de António Cruz é quase só um: a cidade do Porto.

Nascido em meio humilde, ingressou na Faculdade de Belas Artes do Porto à revelia dos seus pais. Tendo de interromper o curso por falta de meios, e apesar do afastamento a que se votava, foi alvo de uma onda de solidariedade por colegas de curso, que o conseguiram nomear para uma bolsa de estudos. Mais tarde, em 1962, é aceite como professor na faculdade onde originalmente estudou com esforço e em segredo.

Nas paisagens enevoadas e de matizes escurecidas, é fácil reconhecer os lugares da cidade, apesar da maioria das suas obras não ter título. Em 1956, Manoel de Oliveira realiza um documentário que torna clara esta contemplação do Porto, intitulado-o de *O Pintor e a Cidade*.



Casario, Porto – Aguarela, 1960
A partir do livro *António Cruz 1907-1983*, 2015, Coleção Árvore, Porto.

AGENDA PORTO
Fev 2024 / N° 2

CÂMARA MUNICIPAL DO PORTO

Presidente

Rui Moreira

ÁGORA — CULTURA E DESPORTO
DO PORTO, E.M.

**Presidente do Conselho
de Administração**

Catarina Araújo

**Conselho de
Administração**

César Navio

Ester Gomes da Silva

**Secretariado de
Administração**

Liliana Gonçalves

DPO

Filipa Faria

**Direção de Gestão de Pessoas,
Organização e Sistemas
de Informação**

Sónia Cerqueira – Direção

Cátia Ferreira, Elisabete Martins,

Helena Vale, João Carvalhido,

Jorge Ferreira, Madalena Peres,

Paulo Cardoso, Paulo Moreira,

Ricardo Faria, Ricardo Santos,

Rui Duarte, Salomé Viterbo,

Sandra Pinheiro, Susete Coutinho,

Vânia Silva

**Direção de Serviços Jurídicos
e de Contratação**

Jorge Pinto – Direção

Leonor Mendes, Sofia Rebelo,

Amanda Leite, André Cruz,

Eunice Coelho, Francisca Mota,

Luís Areias, Luís Brito, Manuel Teixeira,

Márcia Teixeira, Marta Silva,

Pedro Caimoto

Direção Financeira

Rute Coutinho – Direção

Alexandra Espírito Santo, Ana

Paula Areias, Ana Rita Rodrigues,

João Monteiro, Fernanda Reis,

Manuela Roque, Mariana Vilela,

Nadezda Martins, Sandra Ferreira,

Sérgio Sousa, Sónia Pinto

Direção de Comunicação e Imagem

Bruno Malveira – Direção

José Reis, Catarina Madruga,

Agostinho Ferraz, Francisco Ferreira,

Gina Ávila Macedo, Maria Bastos,

Pedro Sousa, Ricardo Alves,

Rosário Seródio, Rui Meireles,

Rute Carvalho, Sara Oliveira

Agenda Porto

Gina Ávila Macedo – Gestão Editorial

Ricardo Alves – Comunicação Digital

Maria Bastos – Redação

Apoio a esta edição

Sara Oliveira – Texto

Rui Meireles – Fotografia

Colaborações

Design e

Identidade Visual

Koiástudio

Vídeo

Jangada Obtusa

Fotografia

Andreia Merca

Nuno Miguel Coelho

Tradução

Ricardo Alves

Programação Web

Bondhabits

Capa

Koiástudio

Impressão

Lidergraf

Tiragem

15 000 exemplares

Depósito Legal

525849/23

Periodicidade

Mensal

Isenta de registo na ERC ao abrigo

da lei de imprensa 2/99

Edição

Ágora - Cultura e Desporto, E.M. /

Câmara Municipal do Porto

Submeter evento →

Faz parte da Agenda Porto!

→ Esta é uma agenda em diálogo permanente com a cidade, os seus agentes e os diversos públicos. Em agenda-porto.pt encontras um formulário para a submissão de eventos.

agendaporto@agoraporto.pt
agenda-porto.pt



portoemagenda



For the English version,
please visit our website. →





BIBLIOTECA DIGITAL

Eugénio de Andrade

Website ↓

www.bibliotecadigitaleugeniodeandrade.pt



CÂMARA MUNICIPAL



MUSEU E
BIBLIOTECAS
DO PORTO

Porto.